

INTERACCIONISMO SIMBÓLICO: ALGUNS DESAFIOS

João Pedro da Ponte¹

Grupo de Investigação DIF – Didáctica e Formação
Centro de Investigação em Educação e Departamento de Educação
Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

O GT3 reuniu os trabalhos baseados na perspectiva do interaccionismo simbólico, uma das principais correntes do paradigma interpretativo de pesquisa nas ciências sociais e humanas. Nesta pequena reflexão sobre o trabalho realizado no grupo, retomarei a caracterização desta corrente de pesquisa, procurando situar em relação a ela os diversos trabalhos apresentados no grupo, e enunciando o que me parecem ser alguns desafios para pesquisa futura.

ELEMENTOS DEFINIDORES DO INTERACCIONISMO SIMBÓLICO

Nas ciências sociais e humanas confrontam-se três grandes paradigmas: o positivista, o interpretativo e o crítico. Para o paradigma positivista, é possível alcançar o conhecimento objectivo, definindo e manipulando variáveis e realizando medições. Para os pesquisadores que trabalham nesta perspectiva, as leis da natureza exprimem-se numa linguagem neutra e impessoal. Para o paradigma interpretativo, os significados dos indivíduos decorrem das interpretações realizadas pelos seres humanos e não existem como estrutura em si mesma. O mesmo acontece para os significados e, portanto, para o conhecimento elaborado pelo pesquisador. No quadro deste paradigma, os pensamentos e os significados dos actores educativos passam a ser um objecto de estudo não só legítimo como fundamental e a subjectividade do investigador deixa de ser um “mal a evitar”, como acontecia no paradigma positivista, e passa a ser um recurso a mobilizar. Finalmente, para o paradigma crítico, as questões de política, valores e ideologia assumem um lugar central. Podemos dizer que, neste paradigma, o propósito da investigação integra o envolvimento e a acção política.

Numa primeira abordagem, o que aparentemente distingue os paradigmas é, sobretudo, os métodos e instrumentos utilizados, levando à constituição de corpus diferentes de dados, uns de natureza “quantitativa” e outros de natureza “qualitativa”. Esta distinção tem principalmente em conta o lado instrumental da pesquisa e está longe de fazer justiça às diferenças essenciais que se evidenciam nos paradigmas. Por isso, certos autores acrescentam, numa segunda abordagem, como elementos de contraste, para além dos métodos e instrumentos utilizados, também a posição epistemológica e o “núcleo teórico” de cada corrente de pesquisa. Indo ainda mais longe, Isabel Alarcão (2001) sugere cinco elementos diferenciadores entre os paradigmas de pesquisa em ciências sociais e humanas:

- Posição ontológica – como é vista a natureza da realidade, do ponto de vista do ser e do agir?
- Posição epistemológica – como é que o investigador constrói conhecimento, qual a relação entre sujeito e objecto?
- Posição metodológica – como é que a pesquisa é feita, como são recolhidos e processados os dados e discutidos os “resultados”?
- Posição teleológica – qual o propósito da pesquisa? Para que serve e para quem serve?

¹ <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte>
e-mail: jp@fc.ul.pt

- Posição dialógica – como chega o conhecimento gerado aos diversos actores sociais (outros pesquisadores, profissionais, políticos, media)?

O interaccionismo simbólico constitui uma importante corrente de pensamento dentro do paradigma interpretativo, com origem na psicologia social e na sociologia, que concebe a vida social como interacções mediadas simbolicamente. Nesta perspectiva, o ser humano é simultaneamente sujeito e agente, determinado e determinante da vida social. O símbolo é construído nas interacções, dá o sentido da acção individual e coordena as acções entre indivíduos. Como recordou Glória Palma (2004), na sua intervenção na Mesa Redonda inicial neste Seminário, o interaccionismo simbólico assenta em três premissas básicas:

- Agimos em relação às coisas com base no sentido que elas têm para nós;
- O sentido é derivado da interacção social que estabelecemos com os outros;
- Os sentidos são modificados através do processo interpretativo que usamos ao lidar com as coisas que encontramos.

Assim, tomando em conta os elementos diferenciadores indicados por Alarcão (2001), podemos dizer que as pesquisas realizadas no quadro do interaccionismo simbólico têm, habitualmente, como propósito fundamental descrever e compreender o sentido constitutivo das formas existentes de realidade social e política e não de as julgar, avaliar ou condenar. O seu objecto de estudo são os significados atribuídos pelos actores sociais e aqueles que interagem com eles, tendo em conta as condições ecológicas da acção em que eles se encontram implicados. A sua posição ontológica é a de que a realidade constitui uma construção social, sendo os actores simultaneamente determinados e determinantes. As metodologias usadas nestas pesquisas incluem principalmente observação participante e entrevista, sendo a análise de dados largamente realizada através de análise de discurso, incluindo texto oral, texto escrito e imagem estática e em movimento. Como design da pesquisa, são muito frequentes os estudos de caso e as etnografias. A divulgação de resultados é feita principalmente nos encontros e revistas científicas e esta corrente de pesquisa é tratada correntemente como tópico de estudo de disciplinas em cursos de graduação e pós-graduação.

INTERPELAÇÕES DA PESQUISA

As pesquisas apresentadas no GT3 e os pósteres associados e este grupo levantam diversas questões em relação à elaboração clássica do interaccionismo simbólico. Em primeiro lugar, podemos dizer que se alarga o leque das interacções bem como o modo como são estudadas. Assim, na comunicação de Marcelo Bairral (Análise qualitativa de debates a distância: Interacções virtuais e desenvolvimento profissional docente), o objecto de estudo passa a ser os significados emergentes entre professores e formador em um ambiente virtual a partir das interacções em um espaço comunicativo específico: a lista discussão. Também no póster de Ana Maria Silva (Análise qualitativa da sociabilidade on-line a partir de grandes volumes de texto com nud*ist), o foco de interesse é o poder e sociabilidade que se evidenciam nas interacções virtuais espontâneas de usuários da Internet, mediadas por texto escrito e analisadas com recurso a software de análise qualitativa de dados. Nestes trabalhos não só as interacções decorrem num ambiente diferente da situação face-a-face, que privilegia a linguagem oral e corporal, como o seu estudo envolve processos informáticos de tratamento de dados.

Outras formas de expressão da interacção estão envolvidas no estudo de Leila Yamashita et al. (A construção do conhecimento geométrico em crianças com deficiência auditiva) onde, por limitações decorrentes da especificidade dos sujeitos estudados, se recorreu ao manuseio de

brinquedos e à execução de desenhos de uma figura humana e modelos de formas geométricas. Formas alternativas de simbolização estão, ainda, implicadas nos trabalhos de M^a Luiza Costa e Olympio Pinheiro (Os acrobatas do trapézio: A leitura, o artista, a imagem) bem como de Guiomar Josefina Biondo e Sónia de Brito (“Aprender a aprender”, comece pela capa – Max Ernst – Vigotsky – Newton Duarte). Na interpretação de obras artísticas, que pode envolver um diálogo entre diferentes formas simbólicas como pintura e texto escrito, a recordação de outros textos já lidos e de outras imagens já vistas, juntamente com a construção subjacente ao texto visual, poderá balizar a emergência de novos significados.

Em segundo lugar, as pesquisas interpelam a relação dos pesquisadores com a sua própria pesquisa. Assim, tanto os trabalhos de Marcelo Bairral, já referido, como o de Eduardo Manzini (Entrevista semi-estruturada: Análise de objectivos e roteiros) podem ser vistos como pesquisas que os autores empreendem sobre sua própria prática. No primeiro caso existe uma total interpenetração de papéis, conduzindo a interessantes questões respeitantes à relação entre o trabalho do pesquisador e do formador. O pesquisador tem consciência do seu posicionamento como formador? Que conclusões tira o pesquisador para o seu trabalho como formador? No caso de Manzini, o objecto de estudo é os significados dos actores sociais, neste caso pesquisadores iniciantes, analisados segundo a matriz teórica dos significados do pesquisador. Seria interessante levar o estudo mais longe, procurando descortinar o ponto de vista natural dos próprios pesquisadores iniciantes, surpreendendo as razões das suas produções espontâneas. Trata-se igualmente de uma pesquisa sobre a sua própria prática, sendo interessante questionar até que ponto o pesquisador se assume também como formador e, principalmente, que conclusões tira para o seu trabalho como formador. Vários pósteres envolvem igualmente pesquisas sobre a sua própria prática. É o caso de Júlia Verónica Hernandez (Onirodrama construtivista com casais), psicoterapeuta, que levou a cabo um estudo teórico vivencial tendo por objectivo testar uma nova técnica para exploração de imagens em terapia conjugal. É o caso, igualmente, do estudo de M^a Ivone Costa, M^a Zelinda Cardim e Daniela Henriques (A experiência de ser filho da mãe que trabalha fora de casa: Um olhar sob a perspectiva dos filhos), psicólogas clínicas, que estudam um grupo social com problemas específicos, visando obter subsídios para actividades de prevenção. É, ainda, o caso de Ana Corina Spada (O atendimento à infância no Brasil: O caso da creche), formadora de professores de educação infantil, que procura elementos para melhor fundamentar e realizar o seu trabalho de orientação de professoras estagiárias. Todos estes estudos constituem pesquisas realizadas por profissionais interessados em compreender melhor os problemas da sua própria prática, procurando recolher informação importante e testando novas abordagens para incorporação futura no seu trabalho, o que constitui uma nova tendência de pesquisa que se tem vindo a afirmar em muitos campos da actividade social (Ponte, 2002).

Finalmente, uma outra interpelação a esta perspectiva de pesquisa evidencia-se no trabalho de Ana Celina Guimarães (Pesquisa qualitativa em saúde mental), quer ao nível da metodologia do estudo, incorporando elementos quantitativos e qualitativos, cujo tratamento criativo permitiu fecunda interacção, quer ao nível da negociação de acesso aos participantes. Aqui, os limites da pesquisa naturalística junto de populações com problemáticas muito especiais sugerem a pertinência de abordagens colaborativas, que levem a envolver de forma mais directa aqueles que têm responsabilidade directa no bem-estar destas pessoas.

A CONCLUIR

As comunicações e os pósteres apresentados neste encontro, sugerem uma revisitação dos elementos essenciais da pesquisa baseada no interaccionismo simbólico. Assim, ao lado do interesse em descrever e compreender o sentido constitutivo das formas existentes de realidade social e política, emergem novos propósitos como a pesquisa directamente relacionada com a própria prática profissional do pesquisador, bem como o estudo de grupos colaborativos onde este eventualmente se integra.

Decorrente, em grande medida, do interesse do estudo de novos tipos de grupos sociais (cibernautas, crianças com deficiência auditiva, internados com doença mental, casais em crise conjugal...) emergem, também, novas formas de interacção, envolvendo tanto o ciberespaço (e-mail, listas de discussão, redes e grupos de trabalho virtual) como o uso de objectos e formas gráficas de expressão. Associadas a estas novas formas de interacção, surgem, naturalmente, novas formas de recolha de dados, tirando partido das tecnologias de informação e comunicação.

Tomando como elemento central os significados dos actores sociais, o interaccionismo simbólico é articulável com enfoques teóricos de diversos campos das ciências sociais e humanas, sejam a Sociologia, a Psicologia ou a Educação, as Ciências da Saúde e a Nutrição. Ao nível da instrumentação, permite igualmente uma assinalável flexibilidade, desde que os significados próprios dos actores estudados possam merecer, em algum momento, um papel central. É nos propósitos e nas formas de mobilização de resultados dos estudos que emerge, talvez, a interpelação mais forte, salientando o desejo dos pesquisadores de compreender os problemas e transformar as suas práticas e instituições com marca ética e sentido de responsabilidade social e em dialogar com os públicos directamente visados pelos estudos empreendidos.

Referências

- Alarcão, I. (2001). Novas tendências nos paradigmas de investigação em educação. In I. Alarcão (Ed.), *Escola reflexiva e nova racionalidade* (pp. 135-144). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Palma, G. (2004). O interaccionismo nas investigações linguísticas: características e procedimentos. Intervenção na Mesa Redonda Inicial do II Seminário Internacional de Pesquisas e Estudos Qualitativos.
- Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. In GTI (Ed.), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). Lisboa: APM.